



**IMAGEM E FORÇA DA IMAGINAÇÃO EM HANS BELTING E DIETMAR
KAMPER: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA HISTÓRICA
PARA UMA NOVA TEORIA DA IMAGEM**

Alex Florian Heilmair¹

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar as teorias da imagem de Hans Belting e Dietmar Kamper dentro da perspectiva da antropologia histórica. A teoria da imagem proposta por Belting, ressalta a necessidade de investigar tanto a produção de imagens endógenas, quanto exógenas, na qual o corpo desempenha papel fundamental. Também Kamper propôs uma rica teoria da imagem e diagnosticou como problemática a crescente abstração do mundo através do distanciamento progressivo do homem em relação ao seu corpo e a consequente perda dos seus sentidos. Cabe a este artigo, apresentar os conceitos de imagem e força da imaginação de acordo com estes autores a fim de propor uma possível contribuição aos estudos da nova teoria da imagem.

Palavras-chave: Teoria da imagem. Imagem. Força da imaginação. Hans Belting. Dietmar Kamper.

I.

O objetivo deste artigo é apresentar as teorias da imagem de Hans Belting e Dietmar Kamper e suas respectivas propostas em relação às imagens externas e internas (imaginação) dentro da perspectiva da antropologia histórica. Para este efeito, faremos, logo de início, uma breve apresentação da origem da nova ciência da imagem, para depois apresentarmos a contribuição destes dois autores.

Em uma perspectiva histórica, sabemos que o interesse pela imagem (exógena) é antigo, e no ocidente esteve presente nas reflexões dos gregos, principalmente em Platão (BELTING, 2001; BÖHME, 2004), na crise iconoclasta bizantina (MONDZAIN, 1996) e na reforma protestante (BELTING, 2001). De forma semelhante, a teoria das imagens endógenas, isto é, das imagens mentais interiores, aquelas que habitam os nossos corpos,

¹ Doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP; mestre pela mesma instituição. Professor do Centro Universitário Belas Artes. Membro do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (CISC/PUC-SP). E-mail: alex_f_h@yahoo.com.

V COMcult

o que custa o virtual?

também esteve presente ao longo de toda a história do pensamento ocidental (cf. HUBER, 2004, WULF, 2009). Mas diferente do que ocorreu com as imagens exógenas, por serem de natureza fugaz e subjetivas, às imagens endógenas foram atribuídos diferentes nomes e significados, a saber: fantasia, imaginação, e no alemão *Einbildungskraft*² (força da imaginação), além dos termos mais genéricos: imagens mentais e imagens endógenas. Não obstante, a relação entre imagens internas e externas é tema importante para a nova teoria, ou ciência da imagem, pois

Quando falamos de imagens, surge a pergunta se nos referimos às imagens “externas” ou “internas”. O fato do conceito “imagem” englobar ambas as possibilidades expressa algo que é característico das imagens. Imagens “externas” se voltam para as “internas” e as imagens “internas” para as “externas”. Imagens são produtos da força da imaginação (*Einbildungskraft*) enraizada no corpo humano vegetativo (WULF, 2009, p.299).

Os primeiros passos para uma nova teoria da imagem foram dados no século XIX, a partir de uma mudança de perspectiva nos estudos da arte. A contrapelo da interpretação tradicional, que restringia a imagem à objetos de arte, como por exemplo, a pintura, Aby Warburg (1866-1929) realizou uma mudança significativa na interpretação das imagens no contexto da história da arte, ao considerar também as imagens de origens “profanas”, aquém dos objetos de arte, como jornais e outros meios, para documentar e historicizar os seus efeitos sobre a cultura. Considerando-se um “historiador da imagem”, estudou e comparou, por exemplo, imagens de propagandas da primeira guerra mundial, cujo objetivo principal era definir as imagens no sentido mais amplo possível e determinar os seus efeitos dentro do campo de uma história da imagem em cultura da imagem. Tratava-se de uma projeto que deveria se estender desde a antiguidade até os dias atuais (BELTING, 2001 p.15).

O segundo movimento significativo rumo a uma teoria da imagem, foi dado no início dos anos 1990, e pode ser visto como uma resposta aos novos problemas advindos dos computadores e da internet. Com o aparecimento dos novos suportes de imagens sintéticas, os computadores, que ao lado do filme, televisão e vídeo, permite modos de produção e distribuição até então imprevisíveis (RÖTTGER; JACKOB, 2009, p.30). Nos Estados Unidos foi W.J.T. Mitchell que, através do seu lema proclamando a virada pictórica (*pictorial turn*),

² Neste artigo os termos fantasia, imaginação e força da imaginação serão utilizados como sinônimos.

V COMcult

o que custa o virtual?

revisou, no livro “Teoria da Imagem” (*Picture Theorie*, 1995), criticamente a postura iconográfica de Panofsky, conferindo à imagem uma posição de destaque que, ao lado da linguagem, serve como uma espécie de modelo, ou figura do discurso para pensar objetos, ideologias e suas respectivas formas de representação, proclamando para si uma ciência própria, uma ciência da imagem (*image science*), dentro do campo das ciências humanas. Já na Alemanha, Gottfried Boehm, também em 1994, chamou a atenção, simultaneamente e de modo independente a Mitchell, para uma virada icônica (*ikonische Wende*) em seu livro “O que é uma imagem?” (*Was ist ein Bild?*, 2001). Boehm, que parte da tradição filosófica hermenêutica, propõe, assim como Mitchell, uma crítica à linguagem remetendo-se à “virada linguística” (*linguistic turn*). De acordo com Boehm, a virada icônica é uma consequência da virada linguística que foi profundamente problematizada por Husserl, Wittgenstein, Heidegger e Merleau-Ponty, e teve como efeito o diagnóstico dos limites da atuação linguística, ao defender o mostrar (*Zeigen*) e não o signo (*Zeichen*) como a base do falar.

A partir dos anos 1990, outras áreas do conhecimento também passaram a se interessar pelas imagens, como é o caso da semiótica, do *Visual Culture Studies*, da fenomenologia, da história da arte e por fim da antropologia da imagem (RÖTTGER; JACKOB, 2009, p.32-36).

Com isso chegamos ao nosso tema. Dentro deste contexto geral, o objetivo é compreender a relação entre imagem e força da imaginação (*Einbildungskraft*) conforme as propostas de Hans Belting e Dietmar Kamper.

II.

Em primeiro lugar, apresentaremos a formulação teórica proposta por Hans Belting, cuja relevância para os estudos da imagem é evidenciada por Baitello:

uma Teoria da Imagem, ou uma Ciência da Imagem, tal qual a propõe Hans Belting, em seu *Pour une anthropologie des images*, será um campo de investigação cada vez mais indispensável dentro das Ciências da Comunicação, quanto mais dentro das Ciências da Cultura como grande área da qual aquelas devem participar (BAITELLO, 2010, p.70).

No livro “Antropologia da imagem. Propostas para uma ciência da imagem” (*Bild-Antropologie. Entwürfe für eine Bildwissenschaft*, 2001), Belting propõe logo no início do livro o conceito de imagem na perspectiva antropológica:

V COMcult

o que custa o virtual?

Uma “imagem” é mais que um produto da percepção. Ela surge como resultado de uma simbolização pessoal ou coletiva. Tudo aquilo que aparece ao fitar externo (*Blick*) ou olhar interno, permite deste modo se explicar ou transformar em imagem (BELTING, 2001, p.11).

E prossegue com uma provocante afirmação: “Por este motivo, o conceito da imagem, quando levado a sério, só pode ser ultimamente um conceito antropológico. Nós vivemos com imagens e entendemos os mundo através de imagens” (BELTING, 2001, p.11).

Com isso, Belting retira do terreno da história da arte a hegemonia sobre o conceito da imagem, ou seja, introduz na história das imagens o ato da percepção com o propósito de evidenciar uma relação tensional produtiva. A história da visão é, também, neste caso, investigada como uma história do fitar (*Blick*) e da ligação do fitar com a imagem do corpo e a percepção do corpo. O seu trabalho não lança uma perspectiva *sobre* a imagem, mas desenvolve uma história da imagem a partir da perspectiva da própria imagem. Um ponto importante a ser considerado sobre a pesquisa do autor é o de religar a imagem ao corpo, e sugerir que este é o seu lugar primeiro (*der Ort der Bilder*). Como efeito, o corpo do homem passa a ser compreendido como um meio (*medium*) vivo que produz imagens a partir de determinados atos, mas que igualmente é capaz de reconhecer (na forma de imagens externas, perceptíveis) e armazenar (como imagens internas, memoráveis) imagens. Isso ocorre de acordo com a proposta teórica de uma relação triangular entre imagem – mídia – corpo.

O autor propõe enriquecer o conceito da imagem ao considerar imagem e medium (mídia) como dois lados da mesma moeda. Apesar de inseparáveis, Belting julga possível analisar cada lado individualmente, conferindo a eles sentidos diferentes. Trata-se apenas de uma questão da atenção do olhar (fitar). Mas o conceito de mídia não deve ser confundido com o sentido corriqueiro que lhe é atribuído pelas teorias da mídia. Não se trata apenas da mera materialidade. A mídia concede à imagem o corpo que ela não tem. Imagens não são visíveis sem que apareçam por meio de uma mídia. É da própria natureza da imagem que haja um o que e um como uma mensagem é transmitida.

O o que de uma imagem (a questão do que a imagem serve como uma imagem ou ao que se refere como uma imagem) é guiado pelo *como* ela transmite sua mensagem. De fato, o *como* é geralmente difícil de distinguir do *o que*; é a própria essência de uma imagem. Mas o *como*, por sua vez, é em larga medida configurado pela mídia na qual a imagem reside. Qualquer iconologia hoje deve discutir, portanto, a unidade, bem como a distinção entre imagem e mídia – está última compreendida no sentido de um

V COMcult

o que custa o virtual?

meio transportador ou hospedeiro. Nenhuma imagem visível chega a nós sem mediação. Sua visibilidade repousa em sua medialidade específica, que controla a percepção dela e produz a atenção do espectador. Imagens físicas são físicas por causa da mídia que elas usam, mas o termo físico não consegue mais explicar as tecnologias do presente. Imagens sempre contaram com uma técnica para sua visualização. Quando distinguimos uma tela da imagem que ela representa, prestamos atenção a um ou ao outro, como se fossem distintos, mas que não o são; elas se separam somente quando estamos dispostos a separá-las em nosso olhar (BELTING, 2005, p.304, grifo nosso).

Não é outro o lugar original que torna imagens visíveis e vivenciáveis que não o próprio corpo humano. É nesta mídia natural que as imagens são percebidas e animadas. As mídias externas são consequências da exteriorização artificial de uma dança imagética que já ocorre desde o início no palco interior do corpo humano.

De acordo com essas premissas, as mídias técnicas podem ser entendidas como análogas ao corpo humano, pois imagens sempre precisam de um meio (*medium*) no qual possam ser corporificadas para serem percebidas e vistas. Conforme o autor, a interação entre imagem e meio técnico deve ser vista da perspectiva do corpo. O pressuposto dessa relação é o homem como produtor primeiro e receptor único das imagens. Com essa posição, Belting clama por uma análise dos conceitos de imagem e mídia que não são analisados apenas por uma perspectiva técnica, mas sobretudo antropológica, fenomenológica e comunicológica. Dentro desta abordagem teórica a pergunta pela imagem lança, destarte, o problema da relação entre as imagens externas, artificiais, e as internas, naturais, e como ambas se contaminam mutuamente.

Por fim, notamos que apesar de não ser o tema central da teoria de Belting, a relação entre imagem externa e interna é fundamental. Conforme Wulf, isso é evidenciado pelo fato que as

[...] imagens mentais dirigem a percepção e determinam o que os homens veem, ignoram, lembram e esquecem. Os fluxos imagéticos “mentais” não apenas determinam quais homens ou coisas se transformarão em imagens, além daquelas dirigidas pela atenção, mas também, quais imagens passam pela atenção, adentrando o homem e encravando-se nele. Os homens estão entregues às suas imagens “internas”. mesmo se continuamente tentam ganhar controle sobre elas. Essas imagens flutuam e se modificam de acordo com as transformações da vida humana. Imagens que uma vez foram importantes, perdem seu valor e são substituídas por novas. Mas comum a todas elas é o fato dos homens vivenciarem-se nelas e com o seu auxílio, certificam-se de si mesmos.

V o que custa o virtual?

E é precisamente neste ponto que paralelamente Dietmar Kamper (1936-2001) problematiza e aprofunda os temas abordados por Belting.

Para Kamper a pergunta pelas imagens (internas) é investigada a partir da perspectiva da antropologia histórica, aliada a uma crítica do atual uso das imagens e a marginalização do corpo em meio a crescente abstração da o pensamento ocidental (KAMPER, 1999). Ao contrário de Belting, cuja atenção está voltada principalmente para os artefatos culturais, advindos majoritariamente do terreno da arte, Kamper investiga – em estilo semelhante a *Streitschrift Nietzschiana*– possíveis saídas do nihilismo ocidental que acabou por abstraindo todas as dimensões da experiência corporal em nome de um espírito absoluto totalitário e racional. O objetivo do autor é religar novamente a teoria abstrata ao corpo, pensando-a através de um *KorperDenken*, um pensar do corpo. Em seu diagnóstico, a crescente abstração criou uma espécie de solipsismo imaginário, chamado por ele de imanência do imaginário, que atualmente isola os homens uns dos outros e anula a abertura para o grande outro que é o mundo.

Hoje os homens não vivem no mundo. Não vivem sequer na linguagem. Eles vivem antes em suas imagens, nas imagens que fizeram do mundo, de si mesmos e dos outros homens, que outros fizeram para eles do mundo, de si mesmo e dos outros homens. Vivem antes mal do que bem nesta imanência imaginária. Eles morrem dela. No auge da produção das imagens existem fortes distúrbios. Existem distúrbios da imagem que tornam a vida e a morte nas imagens tremendamente ambígua. Um situação como estar “vivo-morto” ou “morto-vivo” alastra-se atualmente. Esta indecisão se ainda vivemos ou já morreremos, adere as imagens, ao menos desde o momento na qual perderam sua referência. O apelo de usá-las como estações de tratamento intensivo da experiência, só pode ser correspondido temporariamente. Um oscilar a longo prazo é difícil de suportar. Assim estaria na hora de evadir a caverna artificial das imagens feitas por nós que está prestes a se fechar. (KAMPER, 1994, p.7)

A força violenta da abstração aniquila o corpo. Kamper evidencia isso na relação do corpo com as imagens; na estrutura quiasmática de corpo X imagem, isto é: corpo da imagem X imagem do corpo. Mas a afirmação de que há uma aniquilação do corpo soa estranha aos ouvidos de uma época na qual a referência ao corpo aconteça como nunca antes – uma referência ao corpo através da imagem: imagem do corpo. Mas nesta relação, alerta Kamper, as imagens de corpos repetidas infinitamente levam ao desaparecimento dos corpos das imagens. Seu resultado inevitável é uma a assimetria indesejada.

V o que custa o virtual?

Isso fica mais claro quando entendemos que Kamper parte do princípio que as imagens são mediações e, portanto, amenizadoras do medo frente a morte (KAMPER, 2008, p.67). Aqui Kamper está dialogando com Lacan e levando o diagnóstico do psicólogo francês as últimas consequências. Como? Pergunta-se Kamper: se para Lacan, o imaginário é a relação dos homens com os seus corpos, do *Self* para o Outro, o que há de acontecer quando os corpos forem aniquilados de vez? O que acontecerá com as imagens? Estarão elas fadadas ao mesmo destino? As hipóteses de Kamper apontam para consequências dramáticas. A perda do corpo das imagens e a possível consequência da perda das imagens por falta de corpos, leva ao inevitável e indesejável apagamento da memória e a impossibilidade da lembrança. Isto porque para Kamper, a memória cultural se estabelece na interface entre corpo e imagem, entre as dores da vida e a ilusão das imagens.

A linha de transformação foi lançada de tal modo para o lado das imagens em detrimento dos corpos, que a velha divisória de trauma e fantasma foi encoberta, isto é, apagada. Conforme descreveu Lacan: o fantasma protege o trauma; o trauma sustenta o fantasma. Assim se ligava a dor do corpo (*Körperschmerz*) à imagem fantasma (*Bildphantasma*) e assegurava a memória cultural, a aleteia, a verdade humana, que agora abriu espaço para a desumanização.

Na época das imagens sem corpos, seja o corpo de imagens (*Bilderkörper*), seja das imagens do corpo (*Körperbilder*), a lembrança torna-se impossível e o esquecimento onipresente. Também nos esquecemos que esquecemos (KAMPER, 2008, p.69-70).

Com isso também está posto o problema da impossibilidade de diferenciar entre realidade e ilusão. Isto é, a perda da referência do corpo que carrega as dores e nos ancora no presente da realidade é abandonado restando apenas o fantasma, a ilusão. Mas a fuga da realidade, do corpo, não leva apenas à ilusão (*Wahn*), mas à loucura (*Wahnsinn*), pois entrar em uma caverna (*Höhle*) de imagens e perdurar por muito tempo nela, transmuta aquilo que deveria ser um refúgio temporário contra as dores da vida, em um inferno permanente.

A força da imaginação (*Einbildungskraft*) humana pode ser considerada como descendente da caverna. A caverna, por sua vez, se transforma em inferno, caso não consiga ser abandonada. Caverna (*Höhle*) e inferno (*Holle*), são, a propósito, a mesma palavra. Blumenberg também adotou como motivo de seus palpites, a descrição das saídas de cavernas, que a permanência nelas, leva, com o passar do tempo a uma existência infernal (KAMPER, 1994, p.80).

V o que custa o virtual?

Kamper observa essa situação com bastante preocupação e propõe uma possível saída dessa imanência através de duas vias: o *KörperDenken* em conjunto com o uso ativo da força da imaginação (*Einbildungskraft*). Isto significa, não reduzir o mundo à abstrata imagem de mundo (*Weltbild*) controlada pela razão, na sua formula moderna do Plus Ultra – via que propõe acesso de sentido único e aniquilador ao mundo –, mas pelo pensar fragmentado e poético da força da imaginação corporificada, manifestada na valorização e abertura dos vários sentidos do corpo –via de acesso fragmentada ao mundo.

No artigo “*Phantasie*” (1997), Kamper elabora uma das mais belas explicações sobre o valor da força da imaginação e sua profunda relação com a essência humana.

A reflexão imaginativa é o conhecimento por meio de uma força da imaginação (*Einbildungskraft*), que é esclarecida sobre si mesmo e suas consequências históricas. A atual torrente de imagens, a “imanência do imaginário” remete-se a um punhado de causas que, na modernidade – portanto há cerca de quinhentos anos atrás –, tornou-se poderosa. De acordo com esta perspectiva, na instalação de um mundo humano, a fantasia e não a razão era, e ainda é, decisiva. Por isso vale: contra o imaginário ajuda apenas a força da imaginação (*Einbildungskraft*). De acordo com a tradição judaico-cristã, o homem foi criado à imagem de Deus. Essa criação, assim com a criação do mundo, não é limitada. Em sua dupla configuração, como homem ou como mulher, o homem é um deus quando sonha e um mendigo quando pensa. As imagens são a substância de uma linguagem original (*Ursprache*) antes da queda do homem, antes de Babel. Como imagem de Deus, o homem possui a força da imaginação para também ser um criador (KAMPER, 1997 p.1013, grifos do autor).

Concluimos assim que tanto Belting como Kamper têm pontos importantes em comum que podem contribuir significativamente com o amadurecimento de uma nova teoria da imagem. Em primeiro lugar, de modo sincrônico, a preocupação com uma reflexão acerca das imagens internas e uma teorização da comunicação através de uma dinamização e presentificação da relação do homem com as imagens que o habitam. Não se trata de pensar a teoria da imagem de forma abstrata, destituída do corpo, mas na sua relação complexa, no aqui e no agora com o corpo e seus sentidos. A pergunta do que é uma imagem (interna) está diretamente ligada a uma investigação do corpo e sua relação com a mente. Isto significa valorizar e relativizar as dimensões emotivas e intuitivas de toda forma de *praxis* comunicacional através de uma força da imaginação ativa. Somado a isso, justapõe-se uma segunda questão, complementar e diacrônica, que trata da busca por uma via alternativa de vivência com as imagens abstratas que habitam os corpos e espaços, que aparece

V COMcult

o que custa o virtual?

principalmente em Kamper, que em consonância com outros pensadores, como Günther Anders (imagens fantasmagóricas) e Vilém Flusser (antropologia negativa da escada da abstração), diagnostica um certo tipo de hábito cultural que tem engendrado uma preferência pelas relações virtuais (planificadas) em detrimento das relações virtuosas (espaço-temporais), resultando no aniquilamento, tanto do corpo (seus sentidos e sentimentos), como da mente (aberta e presente). Isto é, investiga possíveis alternativas para uma crescente atrofia dos sentidos – da anestesia para a transitoriedade da vida presente na morte de cada momento – e da capacidade imaginativa.

Referências

- BAITELLO, Norval **A serpente, a maçã e o holograma**: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus, 2010.
- BELTING, Hans. **Bild-Antropologie**. München: W. Fink, 2001.
- _____. **Image, Medium, Body: A New Approach to Iconology**. The University of Chicago, Chicago, v. 31, n. 2, p. 302-319, 2005. Disponível em:
< http://criticalinquiry.uchicago.edu/past_issues/issue/winter_2005_v31_n2>. Acesso em: 20 set. 2015
- BOEHM, Gottfried (Hrsg.): **Was ist ein Bild?** München: W. Fink, 2001.
- BÖHME, Gernot. **Theorie des Bildes**. München: W. Fink, 2004.
- HUBER, Hans Dieter. **Bildhafte Vorstellungen**. Eine Begriffskartografie der Phantasie. In: HUBER, Hans Dieter; LOCKEMANN, Bettina; SCHEIBEL, Michael. **Visuelle Netze**. Wissenräume in der Kunst. Ostfildern-Ruit: Hatje Cantz Verlag 2004, p. 165 - 216
- KAMPER, Dietmar. **Ästhetik der Abwesendheit**. Die Entfernung der Körper. München: W. Fink, 2008.
- _____. **Phantasie**. In: WULF, Christoph (org). **Vom Menschen: Handbuch Historische Anthropologie**. Basel: Belz Verlag, 1997.
- _____. **Bildstörungen**. Im Orbit des Imaginären. Stuttgart, Canyz, 1994.
- MITCHELL, WJT. **Picture Theorie**. Chicago: Chicago Press, 1995.
- RÖTTGER, Kati; JACKOB, Alexander (org.). **Theater und Bild**. Inszenierung des Sehens. Bielefeld: Transcript Verlag, 2009.
- MONDZAIN, Marie-José. **Image, Icon, Economy**. The Bizantine origins of the contemporary imaginary. California: Standford University Press, 1996.